DISCIPULADO INFANTIL:
O discipulado infantil na Amazônia ribeirinha

Andressa Da Silva Neves[1]
Cleudair Cordeiro de Godoi[2]

Resumo: O texto destaca a importância do discipulado infantil na transmissão da fé cristã, especialmente no contexto da Amazônia. As crianças ribeirinhas vivem em estreita relação com a natureza e a cultura local e a fé permeia todos os aspectos da vida. A infância é vivida de maneira diversa cultural e socialmente, sendo influenciada por fatores sociais e historico. A fase infantil na Amazônia é parte importante do desenvolvimento da identidade do indivíduo. O discipulado infantil envolve um compromisso de compreender e orientar a criança em aspectos físicos, emocionais e espirituais, fomentando seu desenvolvimento e crescimento. O papel dos pais e da igreja é fundamental nesse processo, sendo recomendado iniciar o discipulado cristão desde cedo, para garantir uma base sólida de fé ao longo da vida. É essencial contextualizar o discipulado infantil de acordo com a cultura e as necessidades específicas de cada criança, levando em consideração os diferentes aspectos do desenvolvimento cognitivo. O artigo destaca a importância de investir no desenvolvimento integral das crianças, não apenas nutrindo a fé, mas também contribuindo para seu futuro e para a preservação e transmissão dos valores espirituais.

Palavras-chave: Discipulado Infantil; Fé; Ribeirinhos; Valores Cristãos.

Abstract: The text highlights the importance of childhood discipleship in the transmission of the Christian faith, especially in the context of the Amazon. Riverside children live in close relationship with nature and local culture and faith permeates all aspects of life. Childhood is experienced in a culturally and socially diverse way, being influenced by social and historical factors. The childhood phase in the Amazon is an important part of the development of an individual's identity. Child discipleship involves a commitment to understanding and guiding children in physical, emotional and spiritual aspects, fostering their development and growth. The role of parents and the church is fundamental in this process, and it is recommended to start Christian discipleship from an early age, to ensure a solid foundation of faith throughout life. It is essential to contextualize child discipleship according to the culture and specific needs of each child, taking into account the different aspects of cognitive development. The article highlights the importance of investing in the integral development of children, not only nurturing faith, but also contributing to their future and the preservation and transmission of spiritual values.

Key-words: Children's Discipleship; Faith; Ribeirinhos; Christian Values.

---

[1] Graduanda em Teologia – Faculdade Batista do Rio de Janeiro – FABAT.

[2] Mestre em Teologia – Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. Pós-graduado em Docência do Ensino Superior, Ciências da Religião, Gestão Escolar e Supervisão Pedagógica – INTEVALE/MG. Bacharel em Teologia – Faculdade Batista do Rio de Janeiro – FABAT. Especialização em Ministério Pastoral e Missões – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Graduando em História. Professor de Teologia na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

O discipulado infantil, que abrange desde a educação religiosa até a formação moral e ética, representa um aspecto essencial na transmissão e sustentação da fé cristã, especialmente em contextos culturalmente diversificados e geograficamente desafiadores, como a Amazônia ribeirinha. Este ambiente singular, povoado por comunidades ribeirinhas, apresenta um cenário rico em tradições, desafios e oportunidades para o desenvolvimento espiritual das crianças.

Nesse contexto, onde a natureza se entrelaça com as crenças e práticas religiosas enraizadas nas comunidades, o discipulado infantil surge como uma prática fundamental, proporcionando uma base sólida para a transmissão e preservação da fé e das tradições religiosas. Além disso, o discipulado infantil oferece um ambiente seguro para o desenvolvimento moral, ético e pessoal da criança, ajudando-a em seu desenvolvimento que permeia a vida adulta.

As comunidades ribeirinhas da Amazônia, frequentemente distantes dos centros urbanos e acessíveis apenas por vias fluviais, enfrentam uma interação constante entre os elementos naturais e a espiritualidade. Para as crianças ribeirinhas as suas vivências cotidianas estão fortemente ligadas com uma dimensão espiritual profundamente enraizada. Nesse contexto, o discipulado infantil não é apenas uma questão de instrução religiosa, mas sim a integração da fé dentro do contexto da Amazônia ribeirinha.

Este artigo propõe-se a explorar a ligação entre o discipulado infantil e o contexto das comunidades ribeirinhas amazônicas, examinando as práticas existentes, os desafios enfrentados e as oportunidades de crescimento espiritual para as crianças nesse ambiente. Ao fazer isso, buscamos não apenas compreender como a fé é transmitida e vivenciada pelas crianças ribeirinhas, mas também reconhecer a importância de abordagens contextualizadas e culturalmente sensíveis para o discipulado infantil, visando promover um desenvolvimento espiritual saudável e significativo dentro das comunidades ribeirinhas da Amazônia.

Compreender a infância na Amazônia significa mergulhar em um mundo rico em cultura e natureza. As crianças amazônicas não são apenas receptores passivos de conhecimento; elas são ativas na criação e na interpretação do mundo ao seu redor.

2. O CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS

As comunidades ribeirinhas, são os povoados e vilas localizados nas margens dos rios, furos, paranás e igarapés da região Amazônica. Conforme Tönnies "Tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto, será entendido como a vida em comunidade" (Tönnies,1947, p.35). Essas comunidades ocupam um território que se estende desde as margens do rio em direção ao interior, ao longo das braças, seguindo o curso dos rios tanto rio acima, quanto rio abaixo. Os moradores dessas comunidades dependem dos recursos naturais disponíveis na floresta e nas águas para sua vivência, o que influencia diretamente as relações sociais estabelecidas entre eles. A conexão com o ambiente natural é fundamental para suas práticas de vida e para a organização social, moldando sua cultura, suas crenças e suas atividades diárias. Como afirma Posey:

> Os povos ribeirinhos são considerados comunidades tradicionais devido ao seu modo de vida, baseado no uso e na conservação dos recursos naturais e da biodiversidade do ambiente em que vivem; além de se auto reconhecerem desta maneira, caracterizando um empoderamento sobre seus saberes tradicionais, sua cultura e sua relação com a natureza (Posey, 1980; Lira e Chaves, 2016, não paginado).

Também afirma Santos, Salgado e Pimentel:

> A população amazônica é constituída basicamente por negro, indígenas e brancos, predominando o “caboclo amazônico”, o fruto da miscigenação das raças, que em tupi significa “tirado da mata”. A população ribeirinha é composta por trabalhadores que se ocupam do extrativismo do açaí, buriti e cacau, mas também da pesca e confecções de produtos artesanais, como a peneira, e olaria na fabricação de telhas de barro e vaso de cerâmicas. Onde o rio também é elemento central na definição da vida econômica, social e cultural das mesmas (SANTOS; SALGADO; PIMENTEL, 2012, p.6)

Em muitas comunidades ribeirinhas é normal encontrar pessoas não alfabetizadas, no entanto isto não deve ser interpretado como falta de conhecimento, as pessoas possuem vastos conhecimentos em saberes que vão além das palavras escritas, esses saberes são construídos ao longo das experiências vividas e em estreita relação com a natureza e a comunidade. Como afirma Hiebert:

> Enquanto a alfabetização e a educação são importantes a longo prazo, particularmente na preparação de líderes eclesiásticos de alto nível, elas não são de forma alguma a única ou nem mesmo a maneira mais eficaz de

> implantar igrejas em sociedades de tradição oral. As pessoas não precisam aprender a ler para se tornarem cristãs ou crescer na fé (Hiebert, 1999, p. 32).

Mesmo a fé sendo universal, a construção dela se baseia no ambiente em que o indivíduo está inserido e o seu contato pessoal e cultural dentro desse ambiente. A base da fé do povo ribeirinho está diretamente ligada às crenças culturais, nas comunidades ribeirinhas, a fé não é apenas uma questão religiosa, mas permeia todos os aspectos da vida diária. De acordo com Sarraf:

> A cultura religiosa católica das populações ribeirinhas, habitantes dos dois marajós (campos e florestas) na sua constituição histórica sofreu influencias do catolicismo colonizador de matriz ibérica, da presença negra e nordestina, sem perder, contudo, aspectos de crenças míticas, lendárias, características de seu torrão de formação indígena. Dando origem as formas de religiosidade mescladas, em que elementos provindos de outras culturas aqui foram ressignificados, muitas vezes em tons satíricos ou ganhando formas grotescas, habitantes marajoaras recriaram dimensões próprias de lutar pela preservação de seus saberes, tradições, linguagens, culturas.” (Sarraf, 2008, p.22).

McBirnie afirma que:

> A vida dos apóstolos, especialmente a do apóstolo Paulo, revela um conceito brilhante e incomum de estratégia missionária. Em primeiro lugar, eles sempre iam às grandes cidades localizadas nas rotas comerciais. A partir desses centros, os seus discípulos e convertidos viajavam, então, para as cidades mais distantes, e ali fundavam igrejas, que por sua vez fundavam outras... Acima de tudo eles fundavam congregações. Os apóstolos atribuíram aos seus convertidos a responsabilidade de se tornarem a Igreja (McBirnie, 1981, p.22,23).

Da mesma forma, a Igreja de hoje se expande ao sair dos grandes centros e ver a importância de alcançar novos horizontes, afinal, só assim chegará a povos não alcançados, ou povos "não vistos", como os ribeirinhos da Amazônia.

O discipulado é parte fundamental da plantação de igrejas em qualquer contexto que se almeja iniciar um novo projeto. O próprio Jesus ia aos mais diversos locais, como visto na Bíblia Sagrada, no livro de Mateus, capítulo 9, verso 35: "Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino, e curando todo tipo de doença e enfermidade".

Nos tempos de hoje e, em especial, na Amazônia, percebe-se que a fé cristã não se apresenta como majoritária, principalmente quando observamos a influência indígena e colonial dessas regiões. Deve-se considerar a contextualização da

mensagem na cultura local. Não que a cultura mude a mensagem do evangelho, mas adequando-a aqueles que a ouvem, fazendo-a entendida . Como afirma Hiebert:

> A igreja primitiva lutou com esta questão. A resposta dada foi não. Embora o evangelho tenha sido entregue dentro do contexto da cultura judaica de Abraão até Cristo e deva ser entendido dentro desse contexto, as boas novas foram a mensagem de Deus entregue dentro daquela cultura. Não estão limitadas àquela estrutura cultural. [...] Não diferenciar entre evangelho e culturas humanas tem sido uma das grandes fraquezas das missões cristãs modernas. Os missionários com muita frequência comparam as boas novas com sua própria herança cultural. Isso os tem levado a condenar a maioria dos costumes locais e a impor seus próprios costumes aos convertidos. Consequentemente, o evangelho tem sido visto como algo estrangeiro de maneira geral e como ocidental em particular. As pessoas o têm rejeitado não porque rejeitem o senhorio de Cristo, mas porque a conversão geralmente significa negar sua herança cultural e seus laços sociais (Hiebert, 1999, p.53,54).

Através de práticas religiosas e rituais, a fé é expressada e vivenciada, fortalecendo os laços sociais e culturais da comunidade. Muitas vezes a fé é manifesta entre a relação da natureza com o espiritual e essa relação, entre fé e cultura ribeirinha, fortalece a identidade cultural e também desempenha um papel indispensável na transmissão de saberes, valores e tradições entre gerações. O povo ribeirinho é visto como “herdeiros dos conhecimentos indígenas e da cultura da floresta tropical” (Meireles Filho, 2004, p.39).

3. O CONCEITO E A RELAÇÃO ENTRE INFÂNCIA E FÉ

O entendimento da infância como um ciclo da vida é necessário para a formação de hábitos educativos e de desenvolvimento, incluindo o discipulado infantil. Porém, o conceito de infância é moldado pela cultura e pelo contexto, não sendo igual para todos, conforme afirma Santos “a infância não é um conceito universal. Ela varia de acordo com a cultura e o contexto” (Santos, 2016,p.26).

Entende-se que a infância não é um contexto fechado, em que cada cultura tem a sua particularidade e, além da cultura, faz-se necessário analisar cada contexto, visto que cada um apresenta-se de formas diferentes. Por essa razão, deve-se considerar a diversidade cultural existente em todo o mundo.

> Diversidade tem a sua etimologia no latim diversitas, procurando dizer variedade ou diferença. É a representação, em um determinado sistema

> social, da multiplicidade de diferenças e similaridades que existem entre os indivíduos ou os grupos que os representam. (Moniz, 2019, p. 93)

No Brasil, no tocante à legislação, nota-se que a Lei 8.609, de julho de 1990, conhecida como “Estatuto da Criança e do Adolescente”, dispõe em seu Art 2º, que: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (ECA, 1990, não paginado). Sendo assim, em território nacional, existem parâmetros legais para definir a infância no tocante à faixa etária, porém, a lei por si só, não consegue abranger as questões culturais e sociais. Ela dita o tempo de duração que poderão nortear a vida da população, mas não alcança conceitos abrangentes sobre modo de vida de cada indivíduo ou de suas famílias.

Nota-se que, para entender melhor sobre o que é a infância, é necessário considerar não apenas as respostas objetivas segundo a lei, mas observar a subjetividade da diversidade cultural, ao serem abordadas questões relacionadas à criança, fazendo-nos pensar quando e como iniciar a caminhada do discipulado. Ao analisar uma cultura no macro, torna-se possível observá-la de dentro de uma mesma região, manifestando-se de formas diferentes. Assim, em cada região e, até mesmo, de cidade para cidade, podemos perceber manifestações culturais muito distintas. Isso traz uma riqueza grande para o nosso país não só em termos de crenças e tradições, mas também de formas de pensar (Catho, 2022, Não paginado).

Nota-se que ao redor do mundo a infância é vivida de diferentes maneiras, influenciada por fatores culturais, sociais, econômicos e históricos. Conforme defende Dalmagro e Marques:

> No Brasil, após a abolição da escravidão, as crianças das antigas senzalas, continuaram a trabalhar nas fazendas de cana. Ainda hoje, temos crianças trabalhando no corte de cana e em outras atividades não condizentes com sua faixa etária, desprovidas das condições básicas de alimentação, moradia, saúde e educação. Para muitas crianças, forçadas a trabalhar desde muito cedo, sobra pouco tempo para as brincadeiras. Com frequência presenciamos a barbárie materializada nos números sobre o trabalho infantil, exploração sexual, no uso das drogas, na crescente multiplicidade de organizações familiares. Neste contexto, colocam-se em jogo novos conceitos de infância no mesmo momento que observamos a explosão urbana, a globalização cultural, a crise do ensino ante os avanços tecnológicos (Dalmagro e Marques 2013, p.9).

As crianças ribeirinhas tem um modo de viver próprio e único, em contato direto com a natureza, onde as crianças são imersas em um ambiente natural e cultural

único. Elas aprendem e se desenvolvem em meio às suas próprias tradições, interagindo com a natureza e sua comunidade como afirma Teixeira:

> As crianças ribeirinhas da Amazônia têm um jeito peculiar de viver suas meninices. Elas sobem e descem de árvores, constroem barracas com folhas de açaizeiros, fazem escultura de barro, tomam banho de rio, enfim, vivem suas infâncias em "interação com múltiplos contextos histórico-culturais, [...] constroem conhecimento e cultura a partir das condições materiais de vida e educação, que lhes são proporcionadas, constituindo-se como sujeitos amazônicos" (Teixeira, 2013, p. 6).

É importante entender como as crianças da Amazônia vivem sua infância e compreender o meio em que vivem, essa interação constante com a natureza e a comunidade oferece um contexto rico para que elas criem, renovem, transformem e ampliem suas percepções e ideias, dando significado profundo à sua existência e fortalecendo sua identidade como indivíduos amazônicos, de acordo com Loureiro:

> Compreender a infância amazônica é abrir possibilidades para entender a identidade do ser que "[...] cria, renova, interfere, transforma, reformula, sumariza, ou alarga sua compreensão das coisas, suas ideias, por meio do que vai dando sentido a sua existência" (Loureiro, 2007, p. 11).

Deste modo, percebe-se que a infância pode ser vista por alguns como uma fase de inocência e imaturidade e para outros com uma fase de aprendizado e preparo para a vida adulta, muitas vezes a fase da infância nem é vivida como se deve. Tudo isso molda as práticas a respeito do discipulado. Discipular uma criança envolve um compromisso em compreendê-la no seu aspecto físico, emocional e espiritual, atendendo às suas necessidades individuais e específicas para assim oferecer o suporte necessário para o seu desenvolvimento e crescimento, criando para ela um ambiente onde sinta-se segura, amada e compreendida. De acordo com Hank:

> Um ambiente que permite que o educador perceba a maneira como a criança transpõe a sua realidade, seus anseios, suas fantasias. Os ambientes devem ser planejados de forma a satisfazer as necessidades da criança, isto é, tudo deverá estar acessível à criança, desde objetos pessoais como também os brinquedos, pois só assim o desenvolvimento ocorrerá de forma a possibilitar sua autonomia, bem como sua socialização dentro das suas singularidades. (Hank, 2006, não paginado).

O discipulador possui múltiplos papéis, eles são fundamentais como amigos, modelos, orientadores, pastores, confidentes, equipadores e conselheiros, proporcionando apoio emocional, espiritual e prático às crianças. Eles não apenas

ensinam sobre a fé cristã, mas também demonstram amor, compaixão e cuidado, criando um ambiente seguro para o crescimento espiritual, de acordo com Santos:

> As crianças precisam de discipuladores que sejam: amigos que agem como membros da família; modelos que mostram a elas como uma idade cristã; orientadores que tornam mais simples para elas a compreensão sobre oração e como seguir Jesus; pastores que cuidam delas nos momentos de crise ou quando têm problemas; confiantes, pois são leais, ouvem seus segredos e não contaminem a ninguém; equipamentos que as ajudam a servir a Jesus e às outras pessoas; conselheiros que escutam com amor e falam com o coração, tendo a preocupação com os seus sentimentos. (Santos, 2016, p. 68).

Este acompanhamento adequado requer um conhecimento teórico, sensibilidade e cuidado pessoal, para ajudá-la a se desenvolver como ser humano. O discipulado e acompanhamento bíblico guia a criança em princípios e valores fundamentados na fé, moldando o seu caráter, sendo ele um aliado importante na formação da criança como ser humano. Como afirma Fowler:

> A fé é, em um sentido amplo, comum a todos os seres humanos, portanto é universal; é uma qualidade do viver humano; é interativa, social. Nesse sentido, desde seu nascimento, o ser humano é dotado de capacidades inatas para a fé. Essas capacidades, por sua vez, serão ativadas, de acordo com o modo como a criança é recebida no mundo e o ambiente no qual ela cresce. A concepção de fé, nessa perspectiva, é fundamental para as relações sociais, a identidade pessoal e a formação de sentidos pessoais e culturais (Fowler, 1992, p. 109).

Observa-se que incentivar a fé, a medida em que criança se desenvolve, traz um amadurecimento sobre conceito na vida adulta, tendo como suporte a confiança e credibilidade naquilo que se acredita. A fé é a base da esperança, por meio dela é possível acreditar naquilo que os olhos não veem, tornando o que é visível daquilo que não é visível (Hebreus, 11.1).

Pregar o evangelho na Amazônia de forma contextualizada traz consigo uma oportunidade de preservar e respeitar a rica diversidade cultural e espiritual dessas comunidades, com base na Bíblia Sagrada e não apenas em culturas levadas pela tradição oral e/ou enraizadas pelos moradores da região pelas práticas realizadas no decorrer dos anos. Ao invés de apenas impor uma visão religiosa, o evangelho de Jesus, quando contextualizado, é compartilhado respeitando e valorizando as tradições locais, conforme afirma Hierbert:

> A mensagem bíblica deve ser entendida dentro de seus ambientes culturais e também deve ser observada em sua progressão histórica. O Antigo Testamento é um registro de Deus tomando as pessoas e delineando sua visão de mundo e crenças para que fossem capazes de transmitir sua mensagem divina aos homens. (Hiebert, 2008, p. 219).

Tudo isso cria um espaço para um diálogo intercultural e inter-religioso, promovendo a compreensão mútua e a construção de pontes de paz e solidariedade em uma região tão vasta e diversa como a Amazônia. Não é à toa que o texto bíblico do livro de Atos, capítulo 1, versículo 8, envolve os cristãos em uma missão imbuída pelo Espírito Santo de Deus de ser testemunhas de Cristo “até os confins da terra”.

4. CONCEITO E APLICAÇÃO DO DISCIPULADO NA FASE INFANTIL

Ao pensar sobre discipulado cristão, nota-se que é um processo fundamental de crescimento espiritual, onde um cristão, se dedica a ensinar e orientar outros, conduzindo as pessoas à maturidade em sua relação com Cristo, capacitando-as não apenas a crescer individualmente, mas também a reproduzir esse processo, formando novos discípulos. Conforme Jones “discipulado constitui no processo de um cristão com uma vida harmoniosa, imitativa, esforçada a ensinar e conduzir uma pessoa à maturidade em Cristo, capacitando-o para produzir novos discípulos a outras gerações” (Jones, 1986, p. 16)

Entende-se que o discipulado tem sido uma forma eficaz de transmitir sabedoria e promover crescimento e desenvolvimento pessoal e coletivo. Afinal, onde existe a mutualidade, existe crescimento. Um discipulador é alguém que orienta e guia outra pessoa de forma direta e intencional, convidando-a a desenvolver um relacionamento de aprendizado e crescimento pessoal, geralmente dentro de um contexto religioso ou de orientação espiritual, o discipulador busca compartilhar conhecimento, experiência e valores ajudando o discípulo a crescer em sua vida e na fé. Como afirma Arêa:

> O discipulado, por outro lado, é um projeto de longo prazo que envolve ensinar e orientar os crentes ao longo de um caminho de fé crescente para ajudá-los a adotar a semelhança de Cristo cada vez mais em suas vidas diárias. Vai além da simples oração de conversão e confissão de Cristo, envolvendo um compromisso vitalício total (Arêa, 2022, p.16).

O discipulador é alguém que caminha junto com o discípulo guiando-o em sua vida e o ajudando a passar por suas dificuldades, um relacionamento que exige confiança de ambos em que os dois estão submetidos a orientação e direção de Deus na caminhada, como afirma Ferreira:

> O discipulador não é o líder ou dono do discípulo, mas sim deve ter uma característica de servo, aquele que está sempre perto, pronto para enfrentar junto com seu discípulo as dificuldades, ajudando-o a vencê-las na dependência do Senhor. Discípulo é aquele que se submete à orientação e senhorio de Deus através da vida de seu discipulador, buscando crescer e frutificar como discípulo de Cristo. Discipulador é aquele que tem a responsabilidade diante de Deus de moldar a vida do discípulo, entendendo que prestará contas a Deus de seu discipulado. Vida na vida é outro conceito que precisa ficar bem guardado por quem está envolvido com a evangelização discipuladora de crianças. É o momento no qual o cuidar da vida pessoal do discípulo deve ser uma prioridade do discipulador. O discípulo precisa desenvolver confiança em seu discipulador para poder compartilhar situações pessoais nas quais precisa de ajuda, tais como: dificuldades nos relacionamentos familiares, dificuldades na vida pessoal ou escolar, conquistas pessoais e familiar (Ferreira, 2012, p.57).

Um discípulo é alguém que segue e aprende com um mestre, mentor ou líder em uma determinada área de conhecimento ou prática espiritual, retendo os ensinamentos, os princípios e valores transmitidos por seu mentor, ou seja, o discípulo é um aluno ou aprendiz, como afirma Martins: “O verdadeiro discípulo é aquele que, primeiro, aceita o que o mestre ensina, tomando seu “jugo de instrução autoritativa”, ou seja, aceitando o que ele diz como verdade, por que ele o diz” (Martins, 2017, p.21).

A bíblia mostra um modelo claro da relação de discípulo e discipulador, exibindo Jesus como mestre e o seus seguidores como discípulos, conforme afirma bíblia: “Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos e ele passou a ensiná-los” (Mateus 5:1). Ressaltando a universalidade e abrangência do evangelho, sendo destinada a todos os povos e culturas, pode-se dizer que a missão deixada por Jesus aos seus discípulos é o “ide” para pregar e ensinar sobre as Escrituras Sagradas. É abrangente, sem distinção de idade, raça, língua ou nação (Ferreira, 2011, p.41).

Nota-se que Jesus ensinava seus discípulos de forma próxima e pessoal, este relacionamento íntimo, entre mestre e discípulo, facilita a transmissão eficaz de conhecimento e formação espiritual. “Em geral, no contexto cristão, a palavra discipulado tem dois sentidos. Um refere-se ao ato de seguir Jesus (imitar Cristo); o

outro, ao ato de ajudar alguém a seguir Jesus (ajudar outros na imitação de Cristo)". (Madureira, 2019, p.17)

O Apóstolo Paulo, mostra um exemplo prático dessa "imitação" quando diz: "Sejam meus imitadores, como eu sou de Cristo" (1 Coríntios 11.1). O texto mostra Jesus como um modelo a ser imitado, ou seja, reproduzido. Portanto, entendemos que o discipulador é, nada mais, nada menos, que um imitador de Cristo, que aprendeu com Sua Palavra e leva outros a fazerem o mesmo. De acordo com Diogo Carvalho:

> Com isso em mente, quero propor que, se admitirmos que o Senhor Jesus nos ordenou reproduzir com outros o que Ele mesmo fez com aqueles doze homens, então a Grande Comissão nos obriga a fazer discípulos não apenas dele, mas também de nós (à medida que somos discípulos dele). Por mais paradoxal que pareça, a missão que Cristo nos entregou é para ser cumprida por meio de produzirmos os nossos próprios discípulos dele. Quando Jesus se despediu de seus discípulos e os incumbiu de ensinar novas pessoas, Ele estava nomeando todos eles como discipuladores. Desde então e até os dias de hoje, Ele não vai descer do céu para fazer novos discípulos. Agora isso compete a nós, sob o poder do Espírito Santo. Se fizermos discípulos apenas de Cristo, e não de nós, então não estaremos discipulando, pois o sujeito ativo do fazer discípulos na Grande Comissão somos nós, e não Ele (Carvalho, 2016, p.33).

O discipulado cristão é um chamado para uma vida de compromisso e transformação, moldada pelo exemplo e ensinamentos de Jesus, buscando imitar o seu caráter. A relação entre discípulo e discipulador é importante, os discípulos são encorajados a buscar mentores espirituais que possam guiá-los, desafiá-los e capacitá-los em suas jornada de fé, também os discípulos são chamados a se tornarem discipuladores de outros, compartilhando a sua própria experiência e conhecimento para ajudar no crescimento espiritual daqueles que estão começando sua jornada com Cristo, conforme afirma Araújo "(...) conduzir as pessoas a um compromisso total com Jesus Cristo sob o poder do Espírito Santo, acompanhando-as no amadurecimento em Cristo, capacitando-as a se tornarem novos discípulos." (Araújo,1990, p. 73).

Sendo assim, o discipulado cristão pode ser entendido como um ciclo contínuo de aprendizado, crescimento e multiplicação no qual os discípulos são transformados à semelhança de Cristo e capacitados a levar outros a fazerem o mesmo, conforme afirma Jones "o discipulado constitui no processo de um cristão com uma vida harmoniosa, imitativa, esforçada a ensinar e conduzir uma pessoa à maturidade em

Cristo, capacitando-o para produzir novos discípulos a outras gerações" (Jones, 1986, p. 16).

Entende-se que o discipulado é um conceito que abrange tanto adultos quanto crianças, sendo o papel do discipulado infantil seja mais do que simplesmente transmitir conhecimento, mas nutrir a fé e cultivar valores. É um processo de orientação e apoio, onde os líderes e mentores acompanham de perto o desenvolvimento de cada criança, adaptando suas abordagens de acordo com as necessidades individuais. Como afirma Costa:

> A maneira de ver o mundo que as cerca e a realidade ao redor é completamente distinta. A mente delas desenvolve-se por meio de estágios, não havendo uma rigidez quanto à idade de cada estágio. Isso porque cada criança tem seu próprio desenvolvimento. Uns progridem mais em alguns aspectos, outros retardam (Costa, 2000, p.96).

O discipulado para crianças deve ser adaptado ao entendimento e à idade delas, geralmente liderado por educadores treinados. Emprega métodos interativos e divertidos para tornar os ensinamentos bíblicos acessíveis e envolventes, promovendo o crescimento espiritual e a conexão com Deus, ajustados aos estágios de desenvolvimento das crianças, cada idade representa uma fase do desenvolvimento da criança como afirma Piaget:

> As fases de desenvolvimento são: sensório motor (0 a 2 anos), nessa etapa a criança é capaz de concentrar, inicia a compreensão das sensações e movimentos, a coordenação motora começa a se desenvolver e tem consciência daquilo que pode enxergar. Um exemplo disso que se perdem a mãe no seu campo de visão começam a chorar. Pré-operatório (2 a 7 anos), nessa fase a criança interpreta e cria imagens da realidade na mente, é um período excelente para brincar de faz de conta, pois estimula a criança a progredir, a fala se desenvolve muito. Nesse momento são egocêntricas e acham que tudo funciona por causa delas. A lógica começa a se formar e não entende muito sobre quantidades. Operatório concreto (8 aos 12 anos) é marcado pelo pensamento lógico concreto, conceitos abstratos não são internalizados. Distinguem valores e quantidades. Já consegue compreender as normas sociais e operatório formal (a partir dos 12 anos) é o último estágio e inicia a partir dos 12 anos. Tem a capacidade de manipular e compreende conceitos matemáticos. Tem sentimentos de empatia e consegue se colocar no lugar dos outros (Piaget, 1973)

O relacionamento discipulador com crianças envolve gastar tempo em prol do seu desenvolvimento, criando um espaço de segurança para que a criança sinta-se à vontade de explorar o mundo ao seu redor e para expressar suas emoções e pensamentos. É nesse ambiente de confiança que as habilidades relacionais

começam a se desenvolver, no entanto, é importante considerar que as interações com as crianças também podem influenciar malefícios em seu desenvolvimento, se não forem cuidadosamente consideradas, à forma como nos comunicamos e interagimos com elas, podem imprudentemente transmitir mensagens negativas. Como afirma Siegel e Bryson:

> Quando as crianças passam tempo com as pessoas mais importantes de suas vidas, desenvolvem importantes habilidades relacionais, como se comunicar e ouvir bem, interpretar expressões faciais, compreender a comunicação não verbal, compartilhar e sacrificar-se. Nos relacionamentos, também desenvolvem modelos sobre como se encaixam no mundo ao redor delas e como os relacionamentos funcionam. Aprendem se podem confiar que outros atendam e respondam a suas necessidades e sentem-se conectadas e protegidas o suficiente para sair e correr riscos. Em resumo, aprendem se os relacionamentos as deixarão se sentindo sozinhas e invisíveis, ansiosas, confusas ou ressentidas, compreendidas e bem cuidadas (Siegel e Bryson, 2015, p.179).

O papel dos pais é de fundamental importância no processo discipulador e no desenvolvimento da criança como indivíduo, conforme salienta Tripp: “a pessoa que seu filho se torna é um produto de duas coisas. A primeira é sua experiência de vida. A segunda é como ele interage com essas experiência” (Tripp, 2005, p.22). O autor continua no entendimento que o papel dos pais na criação dos filhos vai além da provisão material:

> Ao engajar-se no pastoreio de seus filhos, você precisa ter intimidade no relacionamento. Você tem que entender como seus filhos agem e reagem. Se você tiver de orientá-los no caminho do Senhor assim como Gênesis 18 ordena, precisará conhecê-los e suas inclinações. Esta tarefa requer mais do que simplesmente prover alimento, roupa e teto adequados (Tripp, 2005, p.47).

Observa-se que é de responsabilidade dos pais discipular seus filhos, com a finalidade de nutrir neles a fé, sendo os filhos ensinados pelo exemplo e vivência diária dos princípios cristãos dentro do lar, contudo, nem todos os pais exercem o papel discipulador na vida dos filhos, sendo esta área negligenciada, transferindo-a a outros, como a igreja, conforme afirma Santos: “muitos transferem para a igreja esta responsabilidade, acreditando que ela é quem tem o papel de ensinar o que seus filhos deveriam estar aprendendo em casa por meio do exemplo” (Santos, 2016, p.65).

Por consequência, entende-se que é de competência da igreja exercer um papel discipulador na vida das criança, além do dever de orientar a família a atuar e

investir em um relacionamento discipulador com seus filhos, conjuntamente precisa capacitar os discipuladores infantis a estarem preparados para orientar e atender as crianças em todas as áreas, podendo a criança está sendo negligência ou com déficit devido ao ambiente em que está inserida, conforme afirma Ferreira:

> Além das dificuldades que envolvem as necessidades básicas das crianças, existem as questões emocionais, como: abusos e maus-tratos; bullying; transição familiar, que envolve mudança de emprego dos pais, moradia, divórcio, etc.; morte de pessoas próximas; depressão; problemas com a justiça, que envolve as crianças e suas famílias; dependência química das próprias crianças e familiares; doenças; necessidades que envolvem crianças deficientes; efeitos das catástrofes na família e outros problemas (Ferreira, 2011, p. 48).

Deste modo, a igreja deve proporcionar um ambiente que gere crescimento espiritual, comprometida com o crescimento e desenvolvimento dessa criança em todas as esferas de sua vida, sendo sensíveis às suas necessidades como seres individuais. As crianças são importantes para Deus, levá-las a um contato mais íntimo e profundo com o criador logo nos primeiros anos de suas vidas, fará com que esse relacionamento com Deus perdure até sua vida adulta, pois a caminhada diária e constante do relacionamento discipulador produzirá frutos na vida delas e onde elas estão inseridas, como afirma Santos:

> As estatísticas indicam que cerca de 80% das pessoas tomam uma decisão ao lado de Jesus entre os 4 e 14 anos, mas também revelam que muitas delas se afastaram do evangelho por falta de discipulado. Muitas vezes já ouvi a frase: "As crianças são a igreja do futuro". Eu creio que elas são a igreja de hoje e que o futuro da igreja depende dos investimentos que fizermos nessa nova geração hoje (Santos, 2016, p.13).

Sendo assim, nota-se que as noções bíblicas e o plano de salvação devem ser apresentados para as crianças. Dados da APEC afirma que “se uma pessoa não recebe a Cristo como seu salvador antes dos seus 15 anos, suas chances de se converter mais adiante é de 6%” (Barna, 2005, não paginado). Dados como esse devem causar espanto aos membros das igrejas, em cada agência missionária e em seus agentes. Afinal, este é um grande alerta: é imprescindível pregar o evangelho às crianças. Quando olha-se para uma chance irrisória de apenas 6% de chance de conversão na fase adulta, deve-se entender que a pregação bíblica da redenção aos menores de 15 anos deve ser multiplicada.

Compreende-se que os conceitos de discipulado, bem como ao contemplar a

Grande Comissão deixada por Jesus Cristo, será preciso assimilar, que de fato, alcançar as crianças, envolvendo-as em um relacionamento discipulador, seria mais que um mero crescimento numérico da igreja como um todo. Quando alguém é, de fato, instruído nos caminhos corretos, isso afeta a sociedade como um todo. O indivíduo pautado em réguas morais e éticas passa a se portar de forma diferente. Sendo assim, isso influencia as famílias, a educação, os ambientes de trabalho, esferas administrativas e tantas outras nas quais a pessoa será inserida no decorrer dos anos. Sendo assim, entende-se que o discipulado infantil não tem apenas um aspecto religioso, mas também social, de acordo com Santos:

> Precisamos abraçar as crianças deste tempo. Se não o fizermos, o mundo fará. Se não enchermos o coração delas com os princípios bíblicos, com o amor do Pai, elas absorverão as inversões de valores que a mídia, os colegas, o governo, a educação secular e a ciência desta época estão estabelecendo como código de vida. A igreja de Jesus tem algo maior para oferecer. Se a igreja resgatar a visão da transmissão intencional de princípios bíblicos de uma geração à geração seguinte, o impacto da mudança será evidente em toda a sociedade. Precisamos lutar por esta geração de crianças. Precisamos formar uma geração firme na fé, comprometida com Jesus e pronta para fazer discípulos de todas as nações! (Santos, 2016, p. 19-20)

Por outro lado, a grande comissão ou planos nacionais de evangelização precisam compreender a necessidade de analisar o povo ribeirinho localizado na Amazônia e adaptar seus métodos de forma específica, visando um discipulado eficaz e assertivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, conclui-se que a importância do discipulado infantil na Amazônia ribeirinha transcende os limites da mera instrução religiosa, estendendo-se ao desenvolvimento integral das crianças que habitam essas comunidades. Verifica-se como o discipulado infantil poderá desempenhar um papel fundamental na vida e no desenvolvimento dessas crianças, exploramos a conexão entre a assimilação cultural, as experiências marcantes da infância e a formação da identidade religiosa.

Nota-se que o ser humano possui uma capacidade inata de absorver e internalizar aspectos culturais e experiências vividas na infância, que podem moldar significativamente suas crenças e valores ao longo da vida. Nesse sentido, a educação desempenha um importante papel, especialmente quando é fundamentada

em princípios da Palavra de Deus.

Compreende-se que a geração atual tem uma responsabilidade na transmissão e no fortalecimento da fé. Como apontando na pesquisa, isso envolve não apenas a transmissão de ensinamentos religiosos, mas também a criação de um ambiente propício para que as crianças possam internalizar e vivenciar esses princípios em seu cotidiano.

Investir na educação religiosa desde a fase inicial da vida da criança, oferecerá ferramentas para o desenvolvimento pessoal, mas também construirá bases sólidas e necessárias para sustentar a fé ao longo da vida.

No entanto, para que o discipulado infantil seja verdadeiramente eficaz, será crucial que seja contextualizado e sensível à cultura e suas necessidades específicas em cada criança. Isso requer uma abordagem que leve em consideração não apenas as dimensões espirituais, mas também as sociais, econômicas e ambientais do desenvolvimento infantil na Amazônia ribeirinha.

Assim, conclui-se que o discipulado infantil é uma peça fundamental no quebra-cabeça do desenvolvimento infantil na Amazônia ribeirinha. Ao investir nessa prática, não apenas estará nutrindo a fé e a espiritualidade das crianças, mas também investindo no seu futuro. Tendo a possibilidade de engajar ativamente na educação das crianças, por meio dos princípios divinos, não somente contribuindo para a continuidade e aprofundamento da fé na vida adulta, mas também desempenhando um papel fundamental na preservação e na transmissão dos valores espirituais ao longo das gerações futuras.

REFERÊNCIAS BILIOGRAFICAS

APEC, Aliança Pró Evangelização de Crianças. **Missão da janela 0/14.** Disponível em: https://www.apec.com.br/site/sobre-nos/apec-missao-da-janela-0-14/#:~:text=O%20fato%20%C3%A9%20que%20se,adiante%20%C3%A9%20de%20apenas%206%25. Acesso em: 23/05/2024

ARAÚJO, Oliveira. **Plantação de Igrejas.** Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

ARÊA, André Luiz Bento. **Ensinando a guardar todas as coisas que o senhor Jesus tem ordenado em Mateus 28.20: Mobilizando a igreja ao ministério eficiente através do discipulado.** Centro presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, 2022. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=O+discipulado%2C+por+outro+lado%2C+%C3%A9+um+projeto+de+longo+prazo+que+envolve+ensinar+e+orientar+os+crentes+ao+longo+de+um+caminho+de+f%C3%A9+crescente+para+ajud%C3%A1los+a+adotar+a+semelhan%C3%A7a+de+Cristo+cada+vez+mais+em+suas+vidas+di%C3%A1rias.+Vai+al%C3%A9m+da+simples+ora%C3%A7%C3%A3o+de+convers%C3%A3o+e+confiss%C3%A3o+de+Cristo%2C+envolvendo+um+compromisso+vital%C3%ADcio+total+%28Ar%C3%AAa&btnG=&authuser=2 Acesso em: 24/05/2024.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. **João Ferreira de Almeida.** Revista e atualizada no Brasil. 2ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CARVALHO, Diogo. **Relacionamento discipulador.** 2ª Edição. Rio de janeiro: JMN, 2016.

CATHO. **Como estruturar um processo seletivo que incentive a pluralidade cultural**. 2022. Disponível em: https://paraempresas.catho.com.br/pluralidade-cultural/ Acesso em: 24/05/2024.

COSTA, Débora Ferreira Da. **Evangelização e Discipulado infantil: Orientação para pais, lideres e professores.** Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

DALMAGRO, Neli Burtet; MARQUES, Sonia Maria dos Santos**. As diferentes infâncias no Brasil numa perspectiva histórica: suas trajetórias, culturas e identidades.** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_ped_artigo_neli_burtet_dalmagro.pdf Acesso em: 25/05/2024.

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Diário Oficial da União. *Lei nº 8069*, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Palácio do Planalto

FERREIRA, Regina F. Accioly. A Dimensão Missionária da Educação Infantil. **The Missionary Dimension of Christian Education in Brazil**, v. 9, n. 1, 2011.

FOWLER, J. W. **Estágios da fé; psicologia do desenvolvimento humano e busca de sentido.** São Leopoldo-RS: Sinodal, 1992.

HANK, Vera Lucia Costa. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança.** 2006.
Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm Acesso em: 25/05/24

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas: um guia de antropologia missionária.** São Paulo: Vida Nova; 1ª edição: 2008.

JONES, M. **Discipulado**. São Paulo: Vida Cristã, 1986.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política.** Interações: Campo Grande, v. 17, 2016.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A conversão da semiótica: na arte e na cultura.** Edição trilíngue. Belém: EDUFPA, 2007.

MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo.** São Paulo: Editora Fiel, 2019.

MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando: O significado, a extensão e o selo do discipulado.** Rio de Janeiro: Editora Concílio, 2017.

MCBIRNIE, William Steuart. **A Busca pelos Doze Apóstolos: Descubra o que aconteceu com os apóstolos apos o relato bíblico.** Curitiba: Editora Atos, 2022.

MEIRELLES FILHO, João . **O Livro de ouro da Amazônia: Mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta.** Rio de janeiro: Ediouro, 2004.

MONIZ, Jorge Botelho. **Diversidade cultural como secularização? Exame da correlação entre os índices de religiosidade e diversidade na Europa do século XXI.** Cultura y religión, 2019. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-47272019000200075 Acesso em: 23/05/2024.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência da criança.** Editora Crítica: São Paulo, 1973.

POSEY, D. A. **Os Kayapó e a natureza.** Ciência Hoje: Rio de Janeiro, v. 2, 1980.

SANTOS, Cássio Rogério Graças dos; SALGADO, Mayany Soares; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva: **Ribeirinhos da amazônia: modo de vida e relação com a natureza.** 2012**.** Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2012/trabalhos/sessao_3/sessao_3D/03_Cassio_Santos.pdf Acesso em: 25/05/2024

SANTOS, Jaqueline da Hora. **Evangelização discipuladora de crianças: formando uma nova geração de discípulos.** Rio de Janeiro: JMN, 2016.

SARRAF, Agenor Pacheco. **Oralidades e letras em encontros nos "marajós" ribeirinhos e religiosos urdindo identidades culturais.** Rondonópolis: Coletâneas do nosso tempo, 2008.

SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. **O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar.** São Paulo: nVersos, 2015.

TRIPP, Tedd. **Pastoreando o coração da criança.** 4º Edição. São Paulo: Editora Fiel, 2005.

TEIXEIRA, Sonia Regina dos santos. **A construção de significados nas brincadeiras de faz-de-conta por crianças de uma turma de educação infantil**

ribeirinha da Amazônia. Bélem-PA: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade federal do Pará, 2009.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y sociedad**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1947.